

CAPACITISMO E CURRÍCULO OCULTO ESCOLAR: CONSTRUINDO RELAÇÕES

Vanessa Alves de Sousa ¹
Adenize Queiroz de Farias ²

RESUMO

O presente trabalho é resultante de uma pesquisa de campo e tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca do tema capacitismo do seguinte prisma: discutir a deficiência, e como através do currículo oculto da escola, ela pode ser transformada em incapacidade. Considerando que o capacitismo é termo utilizado quando ocorre discriminação ou violência praticadas contra pessoas com deficiência, caracterizando-as como incapazes devido a sua condição. Observa-se que essa forma de discriminação pode se manifestar verbalmente, por meio arquiteturas inacessíveis, através de sentimentos ou atitudes que revelam piedade/inferioridade ou ainda por uma superproteção exacerbada. A importância de investigar esta temática se deu a partir da necessidade de compreendermos o quão grave e prejudicial pode ser esse tipo de atitude no cotidiano de uma pessoa com deficiência. Sendo assim, este estudo, realizado em uma escola pública do município de João Pessoa – Paraíba, reflete a maneira pela qual o currículo oculto escolar, continua reforçando as mentalidades capacitistas, promovendo experiências de desigualdade entre estudantes com e sem deficiência.

Palavras-chave: Capacitismo, Currículo oculto, Deficiência, Escola.

INTRODUÇÃO

O interesse para desenvolver este estudo relacionado ao capacitismo, surgiu a partir de uma série de reflexões após a leitura do texto “capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?” do autor Sidney Andrade, publicado no ano de 2016. No texto, o autor aborda a necessidade de compreender o tema e como o capacitismo pode prejudicar a vida de uma pessoa com deficiência, limitando-a e atrasando seu processo de autonomia. A partir dessa leitura, sentimos a necessidade de ampliar nosso conhecimento em relação ao tema. nesta busca, além da literatura que trata sobre o capacitismo Mello (2010), entramos em contato com as seguintes fontes: Gaudenzi e Ortega (2016), Sacristán (2010), Diniz (2007) entre outros autores.

O objetivo deste estudo, consiste em evidenciar expressões e atitudes capacitistas manifestadas por meio do currículo oculto, as quais resultam em experiências de exclusão,

¹Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vanessasouzacyv@outlook.com;

²Professor Orientador: Doutora em Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, adenize.queiroz@gmail.com.

discriminação e negação de direito aos estudantes com deficiência. A metodologia do estudo, está baseada em abordagem qualitativa, consiste em uma observação das práticas sociais numa turma de quinto ano do ensino fundamental, onde estava matriculado um aluno com deficiência intelectual. A abordagem dessa temática será organizada da seguinte forma: inicialmente, faremos uma articulação teórica acerca de conceitos relevantes para este estudo, tais como deficiência, capacitismo e currículo oculto. Em seguida iremos expor breves considerações acerca da metodologia desta pesquisa. Finalmente, apresentaremos os resultados obtidos na investigação, analisados por meio de diálogos com os estudiosos da área. Posteriormente faremos as conclusões do estudo.

METODOLOGIA

Inicialmente, consideramos importante destacar que esta é uma pesquisa fundamentada na abordagem qualitativa neste tipo de abordagem Lakatos e Marconi (2018) esclarece que o problema da pesquisa surge a partir da imersão do pesquisador no contexto da população. Apresentando caráter descritivo, pois iremos detalhar algumas práticas capacitistas no ambiente escolar. Ao adentrar no lócus da escola com a finalidade de realizar uma pesquisa, nosso olhar nos levou a ter uma perspectiva mais humanizadora em relação aos alunos com algum tipo de deficiência, principal temática abordada neste estudo.

Para realização deste estudo foi utilizado, em primeiro lugar, o método de pesquisa bibliográfico, tendo em vista que se fez necessário discutir e relacionar, conceitos e ideias de autores sobre a temática do estudo, com o objetivo de adquirir um maior esclarecimento acerca do tema capacitismo no ambiente escolar e suas manifestações através do currículo oculto da escola.

Para coletamos os dados para análise, foi realizada uma entrevista em sala de aula com o aluno Lucas³ matriculado na turma do 5º ano em uma escola pública do município de João Pessoa - Paraíba que possui uma deficiência intelectual leve, foi a partir das respostas e das observações realizadas acerca de seu comportamento, que foi possível enxergar com maior clareza algumas atitudes capacitistas vivenciadas no cotidiano dessa escola. Na entrevista foram levantadas perguntas abertas, com o objetivo de coletar o maior número possível de informações. Todavia,

³ Nome fictício visando preservar a identidade do aluno pesquisado.

procuramos sempre criar um clima de tranquilidade afim de, que o aluno se sentisse confortável ao responder as perguntas.

DESENVOLVIMENTO

Nesta sessão apresentamos reflexões acerca dos conceitos que impulsionaram a construção deste trabalho, compreendendo que tais conceitos estão intimamente relacionados, e por isso, exercem forte influência no cotidiano da pessoa com deficiência.

O conceito de deficiência é polissêmico e varia nos diferentes contextos sociais, de acordo com elementos históricos, culturais e políticos, para Corrent (2015) houve época que as pessoas com deficiência eram excluídas da sociedade, por terem sobre elas o julgo de incapazes ou anormais. Esses padrões de anormalidade são atribuídos pelo modelo médico, o qual determina que a deficiência representa um problema individual de cada sujeito, que por sua vez deve procurar se adaptar à sociedade. De acordo com Diniz (2007), para o modelo médico a deficiência se caracteriza como uma lesão, um fato isolado, isentando a sociedade de quaisquer responsabilidades para com essas pessoas, assim, o problema é individual e biológico, podendo ser combatido por meio de tratamentos e medicamentos, com o objetivo de normalizar a pessoa com deficiência.

O segundo modelo apresentado pela autora é o social, o qual refuta o modelo médico, descrevendo a deficiência como uma soma de sequelas no corpo, e limites impostos por uma sociedade desestruturada, tendo como principal característica, a culpabilidade, sobre as barreiras diariamente impostas as pessoas com deficiência.

Gaudenzi e Ortega (2016, p.2) reforçam a compreensão da narrativa biomédica sobre a deficiência. Os autores mencionam que:

A compreensão da deficiência como um fenômeno no âmbito da patologia ficou conhecido como o Modelo Médico da Deficiência ou Modelo da Tragédia Pessoal. Desta perspectiva, a desvantagem vivida pelos deficientes é efeito de desvantagens naturais inerentes aos contornos do corpo e, portanto, seus impedimentos são reconhecidos como infortúnios privados, uma tragédia pessoal.

Ao contrapor o princípio de que as desvantagens experimentadas por pessoas com deficiência seriam de ordem natural, Diniz (2007, p. 9-10) ela articula deficiência a opressão, e faz uma denúncia contra as estruturas sociais inacessíveis, quando ressalta que:

[...] Deficiência não é mais uma simples expressão social de uma pessoa. Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente. Assim como outras formas de opressão pelo corpo, tais como sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente.

Diante da exposição acerca das diferentes concepções sobre deficiência, podemos observar que ambas trazem consigo uma reflexão sobre uma visão marginalizada de uma pessoa com deficiência. Tal fato nos leva a introduzir o conceito de capacitismo que, segundo Dias (2013, p.2) “Capacitismo é a concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir a próprias vidas”, nos levando a compreender que o capacitismo é um preconceito social.

Um comentário do tipo que considera uma pessoa com deficiência como herói porquê ele trabalha ou estuda, também é considerado uma prática capacitista, pois, logo percebe-se que nesse tipo de comentário, nega a capacidade de uma pessoa com deficiência em fazer atividades que são consideradas normais, isso acontece porquê enxerga-se a deficiência antes mesmo da pessoa. Mello (2016, p.8) fala sobre o capacitismo quando afirma que:

Os estudos recentes sobre o tema definem como capacitismo a forma como pessoas com deficiência são tratadas como “incapazes”, aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia.

Podemos perceber que o capacitismo é apresentado como uma discriminação para uma pessoa com deficiência, por isso, as práticas capacitistas devem ser repensadas, principalmente quando essas práticas se encontram no ambiente escolar.

As Expressões do Currículo Oculto

O campo do currículo é considerado complexo, pois, envolve diferentes aspectos de vários contextos como sociais, políticos, culturais e econômicos. O currículo escolar se caracteriza como uma temática importante no contexto educacional, uma vez que o currículo define o funcionamento de todo um sistema educacional.

Segundo Sacristán (2010, p.2) compreende-se que:

O conceito de *currículo* e a utilização que fazemos dele aparecem desde os primórdios relacionados à ideia de seleção de conteúdos e de ordem na classificação dos conhecimentos que representam, que será a seleção daquilo que será coberto pela ação de ensinar.

Assim como o currículo formal é característico do ambiente escolar, o currículo oculto existe, e se faz presente nas relações cotidianas da escola, mas não de forma explícita como o

ocorre com currículo oficial. A forma com a qual o professor se apresenta aos seus alunos e valores atribuídos as pessoas, coisas e acontecimentos envolvem o currículo oculto, de forma geral, observa-se que as manifestações desta perspectiva curricular, se dão de modo hierárquico, discriminatório e excludente, por tanto capacitistas.

Para Silva (2010, p.78) o currículo oculto “[...]é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”, tornando assim práticas comuns no contexto educacional.

Mediante a este fato, iremos discutir como o currículo oculto escolar pode reforçar esse estereótipo. A partir destas reflexões, apresentamos o conceito de currículo oculto, discutindo como esta pratica reforça os estereótipos capacitistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, apontamos algumas atitudes capacitistas que tivemos a oportunidade de detectar, tanto durante a realização da entrevista como também a partir de algumas observações em relação a Lucas, em sala de aula e nos momentos de recreação.

O Capacitismo na Relação com o Brincar

Quando pensamos em inclusão escolar, um dos elementos que merece destaque é a forma como os demais colegas da turma se relacionam com uma criança com algum tipo de deficiência. A esse respeito Lucas afirmou que gosta de brincar de pega-pega e que costuma brincar com os seus amigos.

Em seguida foi feita uma indagação para confrontar a veracidade das repostas anteriores, perguntamos ao Lucas se ele teria brincado no intervalo naquele dia com seus amigos e ele responde:

“Brinquei com meus amigos” Segundo Informações colhidas (SIC)

Entretanto, durante o intervalo, passamos a observar o garoto Lucas e constatamos que em momento nenhum houve contato entre ele e os demais colegas, já que o menino sempre brincava sozinho. Esta cena nos leva a compreender que, o fato de todos os colegas estarem distantes de Lucas é consequência de mentalidades capacitistas, de acordo com as quais, até mesmo uma

criança com deficiência não seria capaz de brincar com os demais, o que se caracteriza como um experiência de exclusão. Ao expor o processo de exclusão social Mattos (2012, p.221) ressalta que:

A exclusão perpassa uma multiplicidade de trajetórias pessoais e coletivas de desvinculação, em que o próprio indivíduo se vê sem saída, aceita-se como apartado de uma sociedade que o estigmatiza como pobre e da qual precisa de favores e ajuda para poder conseguir alguma coisa.

Assim como o capacitismo, este processo de exclusão é tão velado e sutil que o Lucas se sentia incluído por parte de seus colegas. Para ele só o fato de estar com seus colegas no mesmo espaço durante o recreio, seria um indicativo de que estivessem brincando juntos, o que, de fato não acontecia. Embora o Brasil tenha assumido um compromisso legal com a educação inclusiva, temos aqui uma nítida experiência de segregação adotada pelos colegas de Lucas, que não se interessavam em brincar com o garoto em razão de sua deficiência.

Capacitismo X Interação Social

Ainda no tocante ao relacionamento entre Lucas e seus colegas, o mesmo afirmou não encontrar dificuldades para interagir com os demais. Afirmou ainda, que seus colegas sempre o auxiliavam quando este solicitava. Com tudo, mais uma vez, a observação em relação aos comportamentos de Lucas e seus colegas contrapõem essa afirmação.

Em continuação da entrevista, foram realizados mais questionamentos, as duas perguntas seguintes, eram sobre a relação de afetividade que o Lucas construiu com os colegas. Foi perguntado se o entrevistado tinha alguma dificuldade de interagir com seus colegas e ele respondeu que não tinha nenhuma, e se seus colegas costumam lhe ajudar em alguma atividade em que ele apresentava dificuldade de entender e ele respondeu:

“eles costumam me ajudar” (SIC)

No dia da visita que fizemos a escola, e que foi possível acompanhar o Lucas, observamos que nenhum colega se aproximou do entrevistado para conversar com ele ou para ajudá-lo durante a realização de atividades. Essa experiência, que mais uma vez se baseia nas crenças em torno da incapacidade das pessoas com deficiência, que apresenta a mesma como alguém desinteressante e impossibilitado, revela a inexistência de quaisquer vínculos de amizade ou afetividade entre Lucas e seus colegas. Sobre essa relação de afetividade e amizade tão necessárias no ambiente escolar, Luz afirma:

Para as crianças o conceito de amizade está condicionado pela proximidade física e pela preferência de atividades. As relações de amizade na infância são baseadas em ações simples, como o brincar ao faz de conta ou a partilha de brinquedos (Luz,2014,p.4).

Mais uma vez, pelo simples fato de esta inserido no mesmo espaço, Lucas imaginava estar vivendo uma relação de amizade com seus colegas, entretanto, não se percebia entre eles quaisquer formas de afeto e colaboração.

O Capacitismo na Relação Professor e Aluno

Possivelmente devido à ausência de discussões relacionadas a educação inclusiva no processo de formação inicial da maior parte dos professores brasileiros, estes, geralmente, alegam ter dificuldades na convivência com alunos com deficiência em sua sala de aula. Daí ocorrem uma série de atitudes discriminatórias onde, por meio do currículo oculto, os professores atribuem a determinados alunos alguns valores positivos e, ao mesmo tempo, classificam outros alunos como incapazes, excluindo-os na realização das atividades em sala de aula.

Esta foi mais uma prática que observamos na vivência escolar de Lucas, que embora tenha afirmado que sempre contava com a colaboração de sua professora quando perguntado, o mesmo deixou de realizar a atividade proposta na aula de artes, permanecendo isolado em sua carteira.

Assim como é assegurado a todo e qualquer estudante, os alunos com deficiência tem o direito previsto pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) no artigo 28 de contar com condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, em todos os níveis de ensino, afim de que não sejam prejudicados em seu percurso escolar.

Ao tratar da relação professor e aluno Bulgraen (2009. p, 37) nos lembra que: “o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas, ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reelaboração do saber dividido”. Diante das palavras da autora, reafirmamos que assim como os demais alunos, os estudantes com deficiência em muitos casos dependem da mediação de seus professores para a realização das tarefas escolares. Do contrário, não alcançarão êxito em seu desempenho escolar, o que ocorreu com Lucas na aula observada.

Finalmente, por acreditar na força das mentalidades capacitistas, que, muitas vezes, impedem as pessoas com deficiência de participar ativamente na escola e na sociedade,

demonstramos o interesse em saber se Lucas se considerava uma criança capaz e se já havia escutado, na escola, palavras que negassem sua capacidade. Diante desta indagação, o aluno respondeu que se sentia capaz, mas que, na escola haviam afirmado que ele não teria condições de participar de algumas atividades em razão de sua deficiência. Quando questionado a respeito de quem fez essa afirmação, o menino respondeu que não recordava, entre várias possibilidades desta negação, inferimos que a omissão de Lucas se deu por medo de sofrer possíveis retaliações por parte dos profissionais que atuam na escola. Novamente, percebe-se a força do currículo oculto escolar, como também as atitudes simbólicas de violência adotadas por professores ou mesmo por outros profissionais da escola que, hora por preconceito, ora pela falta de conhecimento, privam pessoas com deficiência do acesso aos conteúdos, assim como das possibilidades de convivência e interação social.

Os efeitos do currículo oculto muitas vezes, se manifestam de forma perversa na vida dos alunos com deficiência, daí sua estreita articulação com o conceito de capacitismo que, de acordo com Andrade (2016) “é essa força invisível que faz um menino de 12 anos não se sentir no direito de sonhar, porque seus olhos não estão de acordo com o que um conceito construído de normalidade espera deles”.

A partir dos dados coletados, concluímos que as práticas capacitistas assim como a exclusão são muitas vezes sutis e, por isso mesmo, quase imperceptíveis. Por essa razão torna-se necessário um olhar mais aberto e acolhedor por parte dos professores quando recebem, em sua sala de aula um aluno com deficiência.

Ressaltamos ainda que, em alguns casos, o capacitismo se manifesta por meio de práticas super protetoras, afim de evitar que pessoas com deficiência experimentem obstáculos ainda maiores. Entretanto, agindo desta forma, pais e educadores acabam inibindo as possibilidades de desenvolvimento destas pessoas, razão pela qual as atitudes de superproteção devem ser urgentemente combatidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos traçar um caminho para uma sociedade inclusiva, muitas barreiras ainda precisam ser enfrentadas como a barreira atitudinal, que nos levam a ter pensamentos e atitudes preconceituosas por falta de conhecimento e de convivência com pessoas com deficiência, a ausência de discurso em vários ambientes, entre eles o escolar, dificulta a

quebra desse tipo de barreira, fazendo assim, surgirem práticas inadequadas, entre elas o capacitismo.

Podemos perceber que existe uma relação entre o capacitismo e o currículo escolar muito próxima, uma vez que podemos percebê-la no ambiente escolar, por sua vez, o capacitismo surge de forma negativa, tirando a capacidade de uma pessoa com deficiência, privando-as de estabelecer uma relação de equiparação em relação com os demais alunos.

Por fim, ressaltamos que apesar dos estudos sobre o capacitismo serem recentes, é de suma importância, tendo em vista que esse tipo de conduta pode gerar grandes problemas como atraso em suas capacidades e no desenvolvimento da autonomia das pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sidney. **Capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?** Disponível em: <https://medium.com/@sidneyandrade23/capacitismo-o-que-%C3%A9-onde-vive-como-se-reproduz-5f68c5fdf73e>. Acesso em: 20 de jul de 2019.

BRASIL. Lei 13.146/15. lei brasileira de inclusão. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Site disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm acesso em :13 de set de 2019

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. In: **Revista CONTEÚDO, Vol. 1, No 4 (2010)**. Disponível em: http://www.moodle.cpsctec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf. Acesso em: 02 de set de 2019.

CORRENT, Nikolas. **Da antiguidade a contemporaneidade: a Deficiência e suas concepções**. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas_corrent_educacao_especial.pdf. Acesso em: 02 de set de 2019

DIAS, Adriana. **Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social**. Disponível em: http://www.memorialdainclusao.org.br/ebook/Textos/Adriana_Dias.pdf. Acesso em: 20 de jul de 2019.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Braziliense, 2007.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. **Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3061.pdf>. Acesso em: 14 de ago de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 7. ed., 2018.

LUZ, Rita Miguel da. **A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar**.

Disponível em:

https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8298/1/Relat%C3%B3rio%20Final_RitaLuz.pdf.

Acesso em: 14 de ago 2019.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares**. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a14.pdf>. Acesso em: 02 de set de 2019.

MELLO, Anahi Guedes de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC**.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016001003265&script=sci_abstract&tlng=pt)

[81232016001003265&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016001003265&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 14 de ago de 2019.

SACRISTÁN, José Gimeno; ARROYO, Miguel González (organizador e tradutor). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.